

A podridão parda da haste da soja
EMATER. Rio Grande do Sul.

/ 1993

Cód. Acervo: 52798

© Emater/RS-Ascar



Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.12287/52798>

Documento gerado em: 07/11/2018 21:00

O Repositório Institucional (RI) da Extensão Rural Gaúcha é uma realização da Biblioteca Bento Pires Dias, da Emater/RS-Ascar, em parceria com o Centro de Documentação e Acervo Digital da Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEDAP/UFRGS) que teve início em 2017 e objetiva a preservação digital, aplicando metodologias específicas, das coleções de documentos publicados pela Emater/RS- Ascar.

Os documentos remontam ao início dos trabalhos de extensão rural no Rio Grande do Sul, a partir da década de 1950. Portanto, salienta-se que estes podem apresentar informações e/ou técnicas desatualizadas ou obsoletas.

1. Os documentos disponibilizados neste RI são provenientes da coleção documental da Biblioteca Eng. Agr. Bento Pires Dias, custodiadora dos acervos institucionais da Emater/RS-Ascar. Sua utilização se enquadra nos termos da Lei de Direito Autoral, nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.
2. É vetada a reprodução ou reutilização dos documentos disponibilizados neste RI, protegidos por direitos autorais, salvo para uso particular desde que mencionada a fonte, ou com autorização prévia da Emater/RS-Ascar, nos termos da Lei de Direito Autoral, nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.
3. O usuário deste RI se compromete a respeitar as presentes condições de uso, bem como a legislação em vigor, especialmente em matéria de direitos autorais. O descumprimento dessas disposições implica na aplicação das sanções e penas cabíveis previstas na Lei de Direito Autoral, nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998 e no Código Penal Brasileiro.

Para outras informações entre em contato com a Biblioteca da Emater/RS-Ascar - E-mail: biblioteca@emater.tche.br

A PODRIDÃO PARDA DA HASTE DA SOJA



Fig. 1: Folha carijó



Fig. 2: Em primeiro plano, um grupo de plantas severamente afetadas



Fig. 3: Intensa desfolha prematura

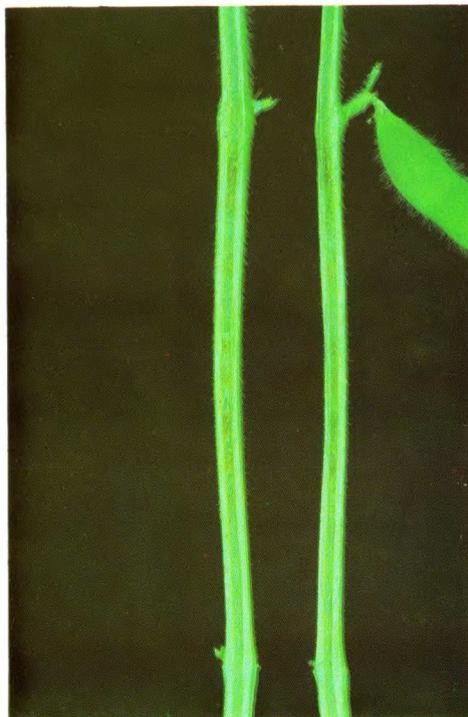


Fig. 4: Escurecimento na medula

A PODRIDÃO PARDA DA HASTE DA SOJA

Ocorrência e danos

A podridão parda da haste da soja vem ocorrendo, em lavouras do Rio Grande do Sul, desde a safra 1988/89, em áreas das regiões do Planalto Médio, do Alto Uruguai e dos Campos de Cima da Serra, onde se verificam temperaturas mais amenas durante o verão. Já foram constatadas perdas de até 50% no rendimento de grãos, devido, principalmente, à redução no número de vagens por planta.

Sintomatologia

Os sintomas de ataque da doença tornam-se visíveis no final do ciclo da cultura, no estágio R6 de desenvolvimento da soja (primeiras vagens com grãos completamente formados), quando ocorre um rápido secamento das folhas, que tomam o aspecto de «folha carijó», com as nervuras verdes ou amarelas e o tecido internerval necrosado (Fig. 1). Este sintoma corresponde a uma deficiência no transporte de água no xilema, mas não é diagnóstico da doença. Plantas infectadas por nematóides, por *Rosellinia* sp. ou pelo cancro da haste (causado por *Diaporthe phaseolorum* f.sp. *meridionalis*) também podem apresentar a folha carijó.

O aspecto geral de uma lavoura afetada é o de maturação antecipada, predominando a coloração marrom e a queda intensa de folhas (Figs. 2 e 3).

O sintoma característico da doença pode ser visualizado no interior da haste. Cortando-a longitudinalmente, observam-se regiões de tecido escurecido na medula, de coloração variando de amarela a marrom, contrastando com o tecido normal. Estas regiões escuras estão dispersas ao longo da haste, podendo ser mais intensas próximo ao colo e aos nós da planta (Fig. 4). Externamente, a haste apresenta-se normal.

Este sintoma na medula não deve ser confundido com aquele causado por uma larva de díptero do gênero *Melanagromyza* sp. (Dip., Agromyzidae). Esta larva broqueia o xilema, causando pequenas galerias de coloração pardo-escura, marrom ou avermelhada (GASSEN & SCHNEIDER, 1985)*.

Etiologia e epidemiologia

Esta doença é causada pelo fungo *Phialophora gregata* (Allington & Chamberlain) W. Gams, habitante comum do solo. A infecção pode ocorrer em qualquer fase de desenvolvimento da planta, através das raízes, mas os sintomas só são visíveis quando as plantas se encontram em estágio próximo à maturação.

O fungo não é transmitido por sementes e permanece viável nos restos das plantas infectadas e no solo.

O cultivo contínuo de soja na mesma área, sem rotação de culturas de verão, e a temperatura média de, aproximadamente, 20°C, durante o ciclo da soja, são fatores que favorecem o desenvolvimento da doença.

Controle

As medidas de controle recomendadas para lavouras com este problema são: rotação com culturas de verão, como milho ou sorgo, e uso de cultivares resistentes e/ou tolerantes, que se encontram relacionadas nas Recomendações Técnicas para a Cultura da Soja no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, publicadas anualmente. As cultivares BR-8, BR-16, CEP 26 - Umbu, Davis, EMBRAPA 19, FT Abyara, Ivorá e RS 7 - Jacuí têm se mostrado resistentes.

Texto: Leila Maria Costamilan e Emídio Rizzo Bonato, pesquisadores da EMBRAPA-CNPT, Cx. Postal 569, CEP 99001-970 - Passo Fundo - RS
Fotos: Walter Ferreira de Rezende, EMBRAPA-CNPT.
Adaptação do Texto: Valdir Antônio Secchi, EMATER-RS.

* REUNIÃO DE PESQUISA DE SOJA DA REGIÃO SUL, 13, 1985, Porto Alegre. Soja: resultados de pesquisa 1984-1985. p.108-109.